

Sacrossanto império do terror

Gustavo Tanus

Ao que se pode recobrar desde este posto de observação, já me afasto do simples olhar que permitiria perceber a chegada do inimigo. Não é alguma incapacidade que me torna inapto a ver o inimigo avançar. Não há hostilidade, e, talvez, por isso, não faz mais sentido estar de vigília.

Ontem, na troca da guarda, quando acabara meu turno, o próximo iniciou uma rápida conversa, que eu puxei o sabre e o investi em seu pescoço. O fluxo de sangue alertou que contra a surpresa não há resistência.

Nada ao leste, nada ao oeste, nenhuma cavalaria percorrendo jardas de sucesso até a muralha. Chequei a marcação do solo, cem, duzentos, quinhentos metros, horizonte limpo. Eles não estavam lá.

Era um dia como qualquer outro. Algumas nuvens em cúmulos, forragem verde, cheiro seco e quente de uma tarde bela.

Um guarda gritou ao comando, chamou reforços, ordenava que eu soltasse a arma. E já que não havia mais motivos para empunhá-la, decidi que iria arremessá-la ao chão.

Não havia contrariedade entre as nações desde o tempo dos meus ancestrais e nem por isso crescemos livres do medo. Penso que se vivêssemos em luta direta teríamos motivos para empunhar a espada e reear alguma invasão. Mas não, o período de guerras já havia ficado no passado. O que nos sobrava, naqueles tempos, era o simples medo. Um medo sem propósito. Um medo criado pelo discurso de que devíamos lutar pela liberdade. E essa liberdade era ter que subir todos os dias, por ofício, aqueles muros de pedra?

Tantas horas de seriedade, tantos minutos de cuidado, tantos segundos de ódio a um inimigo invisível talvez me tivessem feito um assassino. Mas talvez eu fora assassino desde o momento em que me propusera a matar a quem pudesse apontar no horizonte.

Enviaram um destacado inteiro para me escoltar até a masmorra. Caso tivesse sorte, teria um julgamento.

No momento da troca da guarda, como fazíamos todos os dias, escutei várias vozes que se mesclavam a do líder. Conselhos dos meus antepassados, gritos de horror, de escárnio. Vozes quase indistintas.

Ao que se ordena a um soldado, não há ordem. Partilha-se de um ideal que atravessa seu peito e se aloja no cérebro em forma de ódio contra o combatido. Aprende-se a lutar por uma bandeira, por um cercado de terras, em nome de uma alta aspiração impossível de ser plenamente demarcada. Esta aspiração finge sua compleição, se fecha em limites de um inimigo idealizado, que, quanto mais mortal, menos real.

Pois que se o inimigo for deveras real, não muito sobraría do muro em onde nos aportamos, nem muito de nós. E, assim, não estaríamos em cima de um ofício de vigília, e estaríamos senão a lutar com verdadeiro propósito de não permitir a aniquilação dos nossos corpos, das nossas casas, o abuso contra nossas mulheres.

Na falta de realidade para que este inimigo se realizasse, continuávamos idealizando-o, conforme subsídios convincentes e fortes motivações, fornecidos pelo orador da nação. Cada sílaba pronunciada discursivamente nas preleções era apropriada de forma a ser amplificada pelo melhor sentimento que, naquele momento, possuíamos: o ódio.

Nunca soubesse que o recebedor do texto é também ótimo produtor, ou melhor, é o mais eficaz. Porque sem todos os requisitos para a produção, o que é comumente parte daquele que gere e inscreve o discurso, em quaisquer de suas modalidades, aquele que o toma pelas beiradas, por suas pequenas partes e dele constrói isto que hoje chamo de ideologia, é aquele que mais consegue expandir.

Assim que deste crescimento, daquilo que meu colega que me renderia no serviço pode dizer, ergui meu sabre contra suas hordas de inimigos e os atingi logo que apontaram as cordas vocais. E de uma só estocada atravessei a lâmina por todo o campo em donde preparavam a hostil incursão.

Não morri pelo machado do verdugo, nem me dependuraram na corda higiênica da força. Me deixaram esquecido nesta masmorra, meu lugar de condenação. À época do julgamento fizeram crer que eu possuía contendas pessoais contra o assassinado. Mas se equivocaram, porque meu ataque não fora desferido contra uma pessoa, mas contra todo um exército, todo um destacamento. Uma nação inimiga gerada pelas palavras daquele pobre homem, que morrera porque instituíra o sacrossanto império do terror, do qual, se bem atento hoje, somos todos igualmente culpados, e inocentes.